



«Notre-Dame de Paris»,
de Victor Hugo,
de 1831-32, foi escrito
como um grito de alerta
contra a degradação
do monumento e o risco
da sua destruição.
A obra deve ser revisitada
quando há dias
presenciamos
o trágico incêndio.

catedral Notre-Dame
sublime e majestosa

Se a Catedral de Notre-Dame era sublime e majestosa, o jovem Victor Hugo (1802-1885) não podia deixar de se indignar, ao lado do Abbé Gregoire, contra o vandalismo, “perante a degradação e as mutilações de todo o tipo que os homens e a passagem do tempo infligiram a este venerável monumento”. A publicação do romance constituiu o detonador de uma grande campanha, que culminaria em julho de 1845, com a aprovação de uma importante decisão no sentido do restauro e conservação da catedral, cuja concretização se deveu ao arquiteto Eugène Viollet-Le Duc (1814-1879). Victor Hugo escreveu o seu romance quando ainda não tinha trinta anos e foi inspirado por Walter Scott e pelas referências do romantismo. A história concebida pelo romancista situa-se na cidade de Paris, no ano de 1482, e é protagonizada pela própria Catedral e por um enredo centrado em Esmeralda, jovem cigana que dançava na praça fronteira à Catedral de Notre-Dame, no arceidiago Claudio Frollo, que se deixa atrair pela beleza da bailarina e em Quasimodo, um homem disforme que vivia na catedral, onde fora abandonado em criança. O arceidiago pede a Quasimodo que rapte a jovem, mas Esmeralda é salva por um grupo de soldados, comandado pelo capitão Phoebus de Châteaupers, por quem se deixa envolver amorosamente. Apesar de comprometido com Fleur de Lis, Phoebus fica seduzido pela cigana e marca um encontro para um local recôndito. Claudio Frollo surpreende-os, porém, nesse encontro e mata o capitão, apunhalando-o. Num sórdido

processo de chantagem, Esmeralda é acusada de assassinato, mas recusa entregar-se a Frollo, ainda que essa fosse a única forma de escapar à pena capital. No momento terrível da execução, no átrio da catedral, aparece Quasimodo, que também ama a bailarina cigana, tomando-a nos braços e levando-a para dentro do templo, onde estaria protegida, segundo as leis da cidade. Quasimodo passa a noite a cuidar de Esmeralda. Contudo um grupo de amigos de Esmeralda vem libertá-la, forçando a entrada da Catedral. Quasimodo defende sozinho a igreja, com o que dispõe: pedras, barras de ferro, madeira e chumbo derretido. Mas Frollo aproveita-se do tumulto para fugir com Esmeralda, que resiste. Furioso com esta recusa, o arceidiago entrega a jovem a uma velha considerada louca, que vivia no "buraco dos ratos". Ao invés de lhe fazer mal, a velha reconhece em Esmeralda a sua própria filha e a poupa-a. Mas esta não consegue desfrutar de uma paz muito longa. Os guardas da cidade encontram-na e encaminham-na novamente para o lugar da execução, na praça da catedral. Do alto da Notre Dame, Quasimodo e Claudio Frollo assistem à execução. Quasimodo, louco de desespero, atira o clérigo do alto da torre e desaparece para sempre. Muito tempo depois, ao ser aberto o ossário de Montfaucon, local onde Esmeralda foi sepultada, foram encontrados dois esqueletos abraçados; um deles, com uma visível deformação...

**DEFENDER
O PATRIMÓNIO CULTURAL**

Haveria que preservar o património medieval e daí a escolha da Notre-Dame, sobretudo porque nesse tempo a Catedral estava ameaçada pelo vandalismo e pelos projetos de renovação da cidade. O grande sucesso do livro permitirá lançar a celebridade do seu jovem autor e suscitar a tomada de consciência para a necessidade absoluta do restauro desse património cultural de valor incalculável. Se lermos a literatura desse tempo, fácil é de verificar como Victor Hugo se tornou o grande defensor da Catedral, como coração da cidade de Paris. Michelet disse mesmo que, desejando falar da Notre-Dame, tinha de reconhecer que Victor Hugo definiu uma “marca de leão” para o monumento, a ponto de ninguém mais poder tocar-lhe, já que construiu ao lado da velha catedral uma verdadeira catedral de poesia, “tão firme como os fundamentos da outra, tão alta como as suas torres”. Também Nerval escreveu no incerto ano de 1830: “A Notre-Dame é bem antiga, mas vê-la-emos talvez enterrar Paris, a cidade que a viu nascer”. E imagina as pessoas daqui a mil anos a virem contemplar o monumento, relendo a obra de Hugo. Théophile Gautier (em 1838) em “La Comédie de la Mort” invoca a glória desse lugar que «permite alargar a alma». E Paul Claudel, em “Ma Conversion” (1913), considera, porém, que Hugo de certo modo tira espiritualidade à Catedral – fazendo dela cenário de um romance cheio de paixões mundanas. Foi na Catedral de Notre-Dame, em lugar que perfeitamente se conhece, que ocorreu a célebre conversão religiosa do poeta, em

25 de dezembro de 1886, com 18 anos, tocado por uma “revelação inefável”. Também Charles Péguy, no célebre poema sobre a Esperança, tão justamente invocado por João Bénard da Costa, enumera os santos padroeiros de Paris esculpidos nos portais da Catedral. Não devendo esquecer-se ainda Louis Aragon, em “Paris 42” e em “Aurélien”, que identifica a Notre-Dame, ela mesma, como “catedral de poesia”.

UMA HISTÓRIA CONTRA A INDIFERENÇA

Mas a história da Notre-Dame está cheia de vicissitudes – que começam antes do século XII, quando foi decidido edificá-la, uma vez que está construída num campo com profundas raízes histórico-religiosas, gaulesas, romanas, merovíngias. Sem cuidar duma existência medieval muito rica, lembremo-nos apenas da história recente. Em 1793, em plena Revolução Francesa, vinte oito estátuas representando os reis de Judá, que ornavam a fachada, foram decapitadas. Ainda na Revolução, a Catedral foi fugazmente consagrada como Templo da Razão durante a Convenção, voltando a ter uso religioso no Consulado, após a assinatura em 1801 da Concordata com o Papa Pio VII. Como se vê no célebre quadro de Jacques Louis David, aí tem lugar a sagração de Napoleão como Imperador dos franceses. Mas, sendo um tempo de incertezas, o muito jovem Victor-Hugo em 1825 dirá: “há duas coisas num edifício, o seu uso e a sua beleza: o seu

uso pertence ao proprietário; a sua beleza a todos, a vós, a mim, a nós”. E é a partir daqui que empreende uma guerra contra os “demolidores”, que se preparavam para sacrificar essa joia insubstituível. E é neste ponto que Victor-Hugo, à maneira romântica, transforma a Catedral em personagem, tornando-a verdadeiro exemplo de um património comum dos franceses. Com o tempo, viria a ser reconhecida como Património da Humanidade, pela UNESCO – sendo naturalmente Património comum europeu, de acordo com os objetivos da Convenção de Faro do Conselho da Europa sobre o valor do Património Cultural na Sociedade Contemporânea. E o exemplo da Notre-Dame é pioneiro. Na sequência da campanha do jovem Hugo, referência maior do romantismo europeu, Prosper Merimée (1803-1870) é nomeado Inspetor-Geral dos Monumentos Históricos e o arquiteto Eugène Viollet-le-Duc dirige as obras de restauro e reconstrução da Notre-Dame a partir de 1843, durante a monarquia de julho. As orientações do arquiteto não são isentas de crítica, mas assentam num pensamento baseado na necessidade de valorizar o Património Cultural (que entre nós é partilhado por Gerrett e Herculano). Aumenta o número de gárgulas, com exuberância decorativa, nasce o pináculo de madeira coberta de chumbo, que agora ficou destruído – e define-se um novo cânon para a salvaguarda do património. Mas a relação política da França para com a Catedral vai ser ambígua. É certo que a

valorização da Notre-Dame se insere no ambicioso plano urbanístico de Haussmann. Napoleão III casa-se na Catedral em 1853 com Eugénia de Montijo, mas a III República vai ignorar o monumento, que apesar de tudo admira, mas de que desconfia ao mesmo tempo. Mesmo a sociedade laica respeita, contudo, o lugar de memória – que lembra as raízes mais profundas e ricas da identidade nacional. O general Charles De Gaulle na célebre jornada de 26 de agosto de 1944, na libertação de Paris, fez celebrar uma cerimónia religiosa na Notre-Dame, na condição de não ser presidida pelo então Cardeal Arcebispo de Paris, Emmanuel Suhard, dadas as suas simpatias colaboracionistas. De Gaulle e Mitterrand terão as suas exéquias na Catedral de Notre-Dame, o que constitui uma exceção. No caso de François Mitterrand, só as cerimónias oficiais aí tiveram lugar, distinguindo as esferas pública e privada. E Françoise Giroud disse: “houve qualquer coisa de extraordinário no facto de o único discurso pronunciado ao longo desses dias de luto ter sido a homília do Cardeal Lustiger, como se a República não tivesse outros meios para honrar os seus grandes mortos senão o de os confiar à Igreja”. Porque decerto pesou o lugar de memória... Notre-Dame está, assim, bem presente na memória de todos – a sua reconstrução constitui um dever de fidelidade à História e à Cultura...

GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS

ai "Notre Dame"!... o trabalho está a matar-nos?

Ao longo de mais de um século um grande estaleiro juntou, seis vezes por semana, uma média diária de 300 homens. Alguns começaram, ainda crianças, a trabalhar ali. Muitos deles também morreram naquele local, sem conhecerem mais nada deste mundo.

Eles eram artífices especializados num ofício, ensinado em segredo por um mestre. Eles foram exclusivos toda a vida, dedicada, apenas, a um monumento ao segredo da conceção divina do filho de Deus.

Lentamente, penosamente, ergueram pedra a pedra, fundiram ferro a ferro, juntaram tábua a tábua, chumbaram vidro a vidro, "toc toc!", "tac tac!", "tic tic!" e construíram, penosamente, sabiamente, à mão, com ferramentas de artesão, os gigantescos corpos principais da Catedral de Notre Dame de Paris.

Há 850 anos trabalhava-se enquanto houvesse luz, do nascer ao pôr-do-sol. Tal como a catequese cristã afirma ter sido um direito do Criador do mundo, os criadores da Catedral de Notre Dame descansaram aos domingos. E, ao longo de cada ano, aproveitaram uma quarentena de feriados para honrar santos, reverenciar Jesus ou Maria e armazenar no coração algum descanso retemperador.

Durante um dia de trabalho cada homem tinha direito a parar uma hora para almoçar e, a meio da tarde, a outros 15 minutos para beber... de preferência vinho, a bebida da falsa força.

O pagamento do salário, para quem tinha direito a ele, era diário e ninguém concebia remunerações por feriados, folgas ou férias.

A vida de um construtor de Notre Dame, no século XII ou no século XIII, era, para qualquer um de nós, cidadãos ocidentais deste mundo do século XXI, insuportável.

Mas ser trabalhador na construção de Notre Dame nos séculos XII ou XIII era, simultaneamente, uma das melhores vidas possíveis dos homens que Deus teve a graça de não fazer nascer como filhos das classes superiores da sociedade feudal e cristã.

Foram milhares os trabalhadores que ergueram a Catedral de Notre Dame de Paris. Um incêndio, talvez atizado por um fósforo, um cigarro, uma faísca, algo milésimo, mínimo, minúsculo, arriscou esta segunda-feira destruir uma enorme obra da Humanidade.

A vitória dos bombeiros que salvaram a estrutura principal de Notre Dame salvou a memória de um enorme sacrifício de vidas, que a ignorância sobre o real número de mortos sucumbidos às falhas da construção ou a ausência de contagem de almas condenadas a uma existência confinada à pequena Île de la Cité, nos anos de 1163 a 1267, escamoteia da maior parte dos livros de História.

Todos os grandes edifícios construídos pela Humanidade, das pirâmides do Antigo Egipto aos arranha-céus de Nova Iorque, do Mosteiro dos Jerónimos ao Convento de Mafra, resultaram da imposição do sacrifício, da dedicação da vida, da inaceitável morte, do glorioso compromisso de milhões e milhões de trabalhadores.

Sempre que uma grande obra da humanidade desaparece, não morre apenas a memória da arte ou da engenharia que a germinaram. Sempre que uma grande obra

da humanidade desaparece, falece também a memória do trabalho e desvanece um registo das etapas de progresso social que nos trouxeram até aqui.

E o que é o trabalho, hoje, aqui? É o trabalho com direitos, com horários, com pausas, com folgas, com salários, com férias pagas? Ou é um tempo em que as coisas parecem andar séculos para trás, até à época do trabalho quase escravo que ergueu Notre Dame?

Que tempo é este, que leva os jornais do século XXI a alertar: "O trabalho está a matar pessoas e ninguém se importa"?

Jorge Tadeu. Jornalista

Diário de Notícias, 17/04/19

chamas e esperança

O que é que ardeu com a catedral de Notre-Dame? Uma unidade incindível de muitas unidades: a incendiar-se e a soçobrar em fumo perante os olhos atónitos e chocados de todo o mundo foi um monumento da cidade de Paris, mas também de toda a nação francesa e da sua história, da “filha primogénita” da Igreja de Roma, mas também das raízes e das asas da Europa, da cultura humanista universal bem como da experiência de fé de milhões de cristãos através dos séculos.

Quem se sente pertencer ainda que só a uma destas identidades sentiu-se abalado no coração por aquele inferno de chamas e fumo. Mesmo quem não acredita nos símbolos e na sua força evocadora, mesmo quem evita a retórica e os estereótipos, durante doze intermináveis horas deu-se conta de uma verdade que muitos de nós pensavam que já não pertencesse à história e ao pensamento contemporâneo: o ser humano alimenta-se também – e talvez sobretudo – de princípios de valores

que precisam de encontrar “um lugar e um nome” num ponto bem preciso da história e da geografia, num “monumento” que exprima a grandeza das pessoas que, aos poucos, o pensaram, quiseram, realizaram, protegeram, habitaram, tornaram vivo, um artefacto que possa narrar com a beleza a concretude daqueles ideais.

Notre-Dame conheceu na sua longa história pesadas renovações e brutais devastações, os sinos das suas torres proclamaram a coroação de Napoleão e a libertação da barbárie nazista, as suas naves ouviram ressoar as primícias da música polifónica, acolheram restauros e restaurações, contrarreformas e revoluções, ajustamentos litúrgicos e respirações conciliares... Tudo isto foi há poucas noites um leito de braços ardentes em forma de cruz: a planta da catedral avermelhava a noite como um tapete de velas votivas, imagem entre as mais eloquentes na expressão da dor e da esperança de uma cidade, uma Igreja, uma nação, um continente a exprimir os sentimentos de toda a

humanidade. Não ardia só a catedral, mas uma parte da nossa história, alguma coisa da nossa humanidade, e nós ficámos verdadeiramente mais pobres.

Para mim, ver avermelhado primeiro e fumegante depois aquele espaço que deixou de se erguer para o céu significou também revisitar com a mente e o coração a minha assídua frequentação da catedral de Notre-Dame, encontro iniludível de cada minha permanência em Paris. Desde os longínquos anos dos meus estudos universitários, nunca “visitei” como um turista Notre-Dame: “vivi-a” sempre e apenas como espaço de deslumbramento, tempo de silêncio e de oração, de olhar pousado sobre a beleza e a harmonia.

Em anos recentes tive o dom, para mim inestimável, de nela poder pregar: em duas ocasiões para as conferências quaresmais de Norte-Dame, e uma terceira vez, sempre a convite do cardeal de Paris, para a iniciativa “As catedrais da Europa evangelizam”. A emoção que ali experimentei estava ligada à excecionalidade, para mim, do evento, mas ainda mais à clara percepção de encontrar-me naquele lugar precisamente para viver a realidade para a qual foi pensado desde a colocação da primeira pedra: um espaço para crer juntos, para escutar juntos, para celebrar juntos a esperança, e para viver juntos a aventura humana e cristã.

Na imediatez do trágico acontecimento, conhecendo bem a condição da fé cristã, a precariedade da comunidade católica e a incerteza de um futuro para a Igreja, também eu fui

tentado a ler o incêndio e o desabamento daquela catedral como “o sinal premonitório do possível fim de uma cultura, de uma civilização, de uma religião, o fim da Europa, um fim de que todos somos responsáveis”. Por isso, permanecem as perguntas que exigem a nossa resposta: acreditamos ainda que a Europa tem um sentido e possa ser um bem para o nosso futuro? Sentimo-nos ainda cidadãos europeus?

Todavia, a circunstância de que este desastre colossal tenha ocorrido no início da Semana Santa para os cristãos do Ocidente, quando a liturgia faz ressoar as Lamentações do profeta Jeremias sobre a cidade de Jerusalém destruída e dada às chamas, só pode colocar simbolicamente a ferida profunda sofrida pela catedral de Norte-Dame na esperança de uma ressurreição, na renovação de uma cultura e daquele humanismo de que a Europa foi criadora. Este ano, o Aleluia pascal não ressoará nas suas paredes, no entanto estou convicto de que serão as suas notas a consolar o coração não só dos cristãos, mas também da solidária fileira de homens e mulheres de todos os lugares que, olhando para aquele impensável incêndio, se inquietaram e choraram, acunhados por uma pertença plena ao grande corpo da humanidade, e unidos por uma paixão por esses valores dos quais Notre-Dame é símbolo.

ENZO BIANCHI / In Monastero di Bose / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: D.R. / Publicado em 17.04.2019

https://www.snpcultura.org/chamas_e_esperanca.html

Notre-Dame de Paris



Dizem que o coração não dói.
Dói. E muito.

Ontem [15 de abril], quando as chamas devoravam uma das mais notáveis catedrais do mundo, uma das primeiras e mais simbólicas que a arquitetura gótica nos legou, o coração sangrou e as extrassístoles aumentavam a

ansiedade de quem via, consumidos pelo fogo, nove séculos de história e de cultura, reduzido a cinzas um ícone da nossa civilização.

Ao tombar o pináculo da catedral, sentimos a dolorosa metáfora desta Europa que perde referências, o testemunho da história, da beleza e harmonia, no coração do Iluminismo.

As águas do Sena, que a rodeavam e lhe serviam de espelho, correram inúteis perante as bolas de fogo que a consumiam.

Ontem, o coração de quem conheceu a joia do gótico, o monumento mais visitado da Europa, essa referência das artes, da literatura e da cultura universal, sentiu que um pedaço da memória coletiva ficou sepultada sob os escombros de um dos símbolos da nossa identidade.

Não foi só a França que ficou mais pobre, foi a Humanidade de perdeu uma joia do seu património.

Hoje, no rescaldo da tragédia, não mingua a desolação com o inventário ao que ainda se salvou, permanece a dor por tudo o que se perdeu.

A gloriosa catedral, secularizada, era também o símbolo da laicidade de que se alimenta o pensamento moderno e democrático.

O coração, afinal, dói, e dói muito, com feridas abertas e a sangrar por dentro.

Carlos Esperança

<https://www.facebook.com/carlos.esperanca.1..>(16/04/19)